ANNO I — S. João d'El-Rei, 3 de Janeiro de 1886 — N. 16

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno .... 6$000

Escriptorio de redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

EXPEDIENTE

E' nosso correspondente em S. José do Rio Preto (Tres Ilhas) o sr. José Pereira de Souza.

O Domingo

3 de Janeiro de 1886.

Actualidades

Ó UNICO meio que os nossos estadistas apontam para que o nosso povo alcance o futuro prospero, que merece,—é a Instrucção. Ainda não foram tomadas, no entanto, as necessarias providencias, no intuito generoso e patriotico de dispensar-se ao povo o que elle reclama em bem da sua prosperidade.

Alguns ministros fazem reformas, para darem na vista, cheias de pachuchadas de effeito e de graves inconvenientes, verdadeiras *novidades* que despertam a attenção da imprensa, porém, cujo resultado é inutil como a sabedoria do Imperador, alterações, transformações sem o menor cunho de merecimento, sem nem siquer o merecimento da originalidade,—porque a maior parte dessas reformas são imitações mal adaptadas do que se faz no estrangeiro.

Cada inspector geral da instrucção publica, na côrte, julga-se no dever de inventar uma reforma qualquer; quando nada—mudar o plano do programma de ensino e exames de preparatorios. De modo que um estudante, as vezes, prepara-se em varias materias num compendio adoptado, e, quando dá a ultima demão para prestar o seu exame,—zás! vem o sr. inspector dizer que a cousa não é mais assim, que aquelle methodo não era bom e que vem de apresentar um outro muito melhor.

E o pobre menino tem de voltar, de mudar de livro, o que faz já sem enthusiasmo, cançado, aborrecido. E ainda é bom quando não vêm alguns pais atrazados, roceiros ou ignorantes, que não acompanham esses caprichos daquelle funccionario, e entram a protestar contra os directores de collegios, contra os professores, porque os futuros herdeiros estão gastando muito tempo e muito dinheiro.

Ultimamente pararam um pouco essas *novidades*. Mas, até principios do anno passado ainda eu tive occasião de ouvir uns pais queixarem-se dos mestres e estes do sr. Bandeira Filho, e não sei de quem mais..

Eu, afinal, onde quero chegar é no seguinte:—não apparece uma reforma sabia, prudente, que facilite os meios de ensino, que defenda os creditos da Instrucção Publica, fazendo com que haja maior cuidado na nomeação de muitos candidatos ás cadeiras do 1º grão, onde se encontra muita gente analphabeta, graças aos empenhos e á benevolencia dos examinadores. Uma lei que curasse de tudo isso é que devemos reclamar todos os dias; deviamos pedir tambem todos os dias—uma fiscalisação energica e efficaz da parte dos srs. inspectores geraes, municipaes e dignos delegados, bem como um interesse maior da parte dos altos poderes por esse ramo de serviço—o unico que póde mostrar a este povo brasileiro o porvir glorioso e triumphante que lhe está destinado.—e, de resto, uma disposição franca e decidida para instruir essa turba ignara e obscura, que com a sua enxada, a sua picareta e o suor do seu rosto, é que sustenta as fardas bordadas dos srs. ministros e as casacas dos srs. senadores e deputados, que *depois* não se lembram mais della...

Entretanto tudo é clamar no deserto. O que estou agora dizendo aqui neste jornal, (muita gente por ahi chama-o de jornalsinho...) que não tem por assignante nem um só dos excellentissimos representantes da alta governamentação nacional, já o tem sido feito por muitos outros jornalistas e escriptores brilhantes, entre os quaes desapparece a humilde individualidade que subscreve estas linhas.

Tudo ha sido debalde.

Ou porque as eleições assimilam todas as attenções e todos os cuidados de suas excellencias, ou porque o receio de tirar a venda collocada pela Ignorancia nos olhos dessa multidão que,se já soubesse ler e conhecer seus direitos, havia de transformar o nosso machinismo social, —embarace um tanto as determinações do Poder, o caso é que a Instrucção vai num grão de adiantamento pouco superior ao que apresentava num passado bastante remoto.

O ensino é irregular, os professores são pessimamente remunerados e vêem-se na dura contingencia, quasi sempre, de lançar mão de outros meios de vida que os ajudem a manter-se,—com prejuizo completo das cadeiras que regem.

Nos nossos arraiaes e nas nossas freguezias do interior, quasi que se póde affirmar não haver entre 10 professores dous que não accumulam ás funcções do seu cargo as de alfaiate, ou musico, ou curandeiro homeopatha, etc., etc.

Dest'arte, não é muito raro encontrar-se um mestr'eschola cortando um palitot —encommendado com urgencia — emquanto o discipulo conjuga o verbo amar, ou compondo uma ladainha, emquanto o alumno soletra cantando as estopadas do sr. Abilio, um barão pedagogico que todos nós conhecemos; ou preparando uma dose de aconito ao som dos sopapos que o decurião joga com um insubordinado, que lhe não soube dizer —oito e dez—quantos são!

Mesmo nas cidades, nas cadeiras do 2º grão, os vencimentos são tão parcos, que não raro o professor, muitas vezes um homem de talento, de espirito, crite-

rioso, como alguns mesmos desta cidade, não tem remadio senão aproveitar as horas vagas e os dias feriados em labores pesados, estragando a saude,—para sustentar honestamente a numerosa familia. E na lida disso vêem os chefes do Estado, *os chefes*, digo muito bem, porque não se pode admittir no regimen constitucional representativo—um chefe de Estado.

—

No meio dessa falta de interesse que vemos da parte do Governo pela Instrucção publica e desse menospreço pelo ensino particular; quando tantas providencias serias e vantajosas precisam de ser tomadas e tantas medidas uteis são constantemente reclamadas; não podia deixar de admirar-me o zelo do sr. 1º ministro do imperio da nova situação politica, pelos progressos da gymnastica, da musica e do desenho, antes de introduzir qualquer outro melhoramento no ensino da nação.

Não falo assim, entenda-se, porque julgue não se dever cultivar artes tão proveitosas, uma das quaes concorre para a força dos musculos e as outras para a distracção e educação do espirito. A idéa é inteiramente aproveitavel, não ha duvida nenhuma.

As creanças devem aprender gymnastica, para ficarem fortes, devem aprender desenho e musica para serem artistas, amarem o Bello, que, emquanto ellas estiverem entretidas com o lapis, com o solfejo, ou a barra fixa, não pensarão em cousas más, e nem irão matar os passarinhos inoffensivos, nem roubar os ninhos aos colibris. Demais antes ordenar isto do que mandar tirar das escholas a imagem de Jesus-Christo...

O que me fez admirar, porém, não foi a disposição do sr. ministro, foi o esquecimento de s. exa. das difficuldades que hão de surgir no modo de executar a sua nova ordem. Vejamos.

Um aviso especial está determinado que seja d'ora avante considerado obrigatorio, nas escholas publicas de ensino primario, o ensino da gymnastica, do desenho e da musica.

Eu conheço muitos professores de 50 e até de 60 annos que leccionam ha mais de trinta annos, tendo preparado os seus exames ainda sob as indicações da lei de Fevereiro de 1854. Como hão de esses pobres velhos, — para erguerem o aviso do sr. ministro do imperio á altura de uma lei estabelecida, — erguerem-se á altura de um trapezio, ou de umas argolas, no nobre empenho de se habilitarem nas licções das novas materias, que precisam transmittir a seus meninos?

Olhem um velhote de 60 primaveras bem puchadas, sem dentes, desafinado, que só conhece a musica por ouvir... tocar, — a solfejar o dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, com uma sucia de brejeirotes travessos, que o damnem barbaramente! —E aquelle outro que já foi visitado pelos 50 Janeiros, gordo como um abbade, suinamente rotundo, habituado ao bom commodo de uma velha cadeira de braços, affeito apenas á gymnastica... de uma grammatica feroz, — a ver se póde guindar-se á barra para ensinar aos rapazes como se dá uma cambalhota... sem querer.

E o meu digno e velho amigo Evaristo? Um voluntario da patria, destemido e forte, que é hoje mestr' eschola num arraial da provincia de S. Paulo. Heroe guerreiro deixou o braço direito no campo da batalha e trouxe a perna esquerda mais curta do que foi. O governo deu-lhe uma cathedra em recompensa. Muito justo. Mas, como hade o meu amigo arranjar uma paysagem correcta, á crayon, se á custo elle debuxa com a mão esquerda a escripta dos pequenos?

Vejam lá em que apertos estão esses conspicuos pedagogos. Aprenderem depois de velhos, fazerem milagres acrobaticos, solfejarem, conhecerem o esfuminho no fim da vida!

Tornar-se-á exequivel o aviso do illustre e venerando estadista que dirige a pasta dos negocios do imperio?

So tomando previas deliberações, nomeando adjuntos, moços habilitados, normalistas, por exemplo, que se incumbam dos sacrificios que vêm pesar sobre o ensino primario. Os velhos não podem mais com os arduos trabalhos fatigantes da aprendizagem e nem devem de ser punidos, se deixarem de cumprir o aviso em questão. Seria injusto e seria cruel.

A resolução do sr. ministro é boa e prova que s. exa procura elevar o nivel da nossa Instrucção publica.

O que cumpre é ver um meio de pôl-a em pratica, sem prejuizo desses muitos velhos servidores, que hão de estar á esta hora tão assustados...

Jonas RODRIGUES.

Bibliographia

O Casamento do Padre Pontes

É este o titulo de um livro que acaba de publicar nosso conterraneo o Sr. Cap. José Antonio Rodrigues.

Lemol-o com o interesse que nos inspiram todos os trabalhos d'esse genero e, obedecendo a nosso programma que nos prohibe a completa indifferença ou a parcialidade prejudicial em face de uma obra submettida a nossa apreciação, vimos externar a opinião que a seu respeito formamos.

O apparecimento de um livro não pode passar despercebido, principalmente a nós que nos propuzemos a orientar a opinião publica em assumptos d'esta ordem.

Bom ou mau, correcto ou não, cumpre que o analysemos, pondo em evidencia as bellezas que elle encerra ou os defeitos que o deturpam.

Recebel-o em silencio ou cercal-o de thuribulações fanaticas, não o faremos nunca, que não comprehendemos d'este modo a missão da imprensa que se preza.

Assim explicado previamente o nosso procedimento, entremos em materia:

Affirma-nos o auctor que o *Casamento do Padre Pontes* é uma narrativa historica e não um romance, porém não podemos deixar de consideral-o como pertencente a este genero de composição litteraria.

Faltam-nos elementos para contestar a inteira veracidade do facto capital — o casamento sacrilego—porém os episodios, que em torno d'elle se agrupam, serão de egual modo veridicos?

Tendo-os ouvido o auctor, em sua infancia, de sua respeitavel Tia, que sem duvida os ouvio de outrem, não nos é difficil acreditar que elles tenham se alterado em extremo.

Como a maioria dos trabalhos congeneres da velha escóla, o *Casamento do Padre Pontes* pode ser considerado um *romance historico*, porque tem origem em um facto, de cuja veracidade não é licito duvidarmos; porém os episodios que a elle se seguem, podendo ter sido creados sob a influencia do estafado —para

cada um conto accrescenta um ponto — impedem que o acceitemos como verdadeiro *in totum*.

Examinado como producto de imaginação, encontram-se no livro, de que nos occupamos não pequenos defeitos.

A acção desenvolve-se pezadamente, arrastada por dialogos extensos e pouco interessantes; alguns personagens, embora pareçam a principio intimamente ligados aos factos, que se descrevem, pouco depois de apresentados ao leitor, são abandonados e somente se apresentam mais tarde, por poucos instantes, para desapparecerem por uma vez.

Quanto á forma, não é o *Casamento do Padre Pontes* um trabalho escoimado de incorreções, porém não lhe encontrariamos de certo tal motivo de censura si a toda sua obra tivesse o auctor dedicado os cuidados que se denunciam em algumas de suas paginas, em que se lêem phrases cinzeladas com esmero e observações feitas com verdadeira elevação de vistas.

Não seja o — *Casamento do Padre Pontes* — o ultimo trabalho do Sr. Cap. José Antonio Rodrigues, e esperamos ver brevemente coroados de melhor exito os seus esforços litterarios.

«A Semana»

COMPLETOU seu primeiro anno de existencia esta primorosa revista litteraria, de que é director o nosso illustrado e distincto collega Valentim Magalhães. Para nós que conhecemos de perto as mil difficuldades, os numerosos obstaculos que se oppõem ás emprezas desta ordem, esforçando-se por condemnal-as a uma vida ephemera, os 52 numeros d'*A Semana* representam a resultante de esforços energicos e constantes contra os quaes nada poude conseguir a resistencia dos espiritos estacionarios, e de que bem poucos dos nossos litteratos se mostrariam capazes. Valentim Magalhães, porém, pertence ao numero d'essas naturezas baronis que, tendo se proposto a uma empreza, hão de leval-a a effeito; e dizer qual tem sido o resultado por elle obtido seria registrar aqui o sem numero de triumphos, de explendidas victorias que *au jour le jour* alcança *A Semana*, impondo-se á admiração dos que sabem avaliar as bellezas de que a aureola uma pleiade de escriptores distinctos.

Enviando ao collega nossos cordiaes parabens, agradecemos-lhe as amaveis expressões que generosamente nos dispensou em seu ultimo numero, e desejamos-lhe vida prospera e longa.

Dr. Aureliano Mourão

RECEBEMOS a circular distribuida por esse nosso distincto conterraneo aos eleitores do 6º districto, apresentando-se candidato ao cargo de representante da nação, na camara temporaria.

Os meritos do illustre candidato como cidadão e como homem politico estão no dominio publico, e as provas que elle tem dado, na imprensa e na tribuna, de seu talento e de seu espirito adiantado, são outros tantos titulos, que o recommendam bastante ao eleitorado deste districto.

Filiado á escola conservadora, o dr. Aureliano Mourão nem por isso escravisa-se á manutenção das tradicções obsoletas.

Respeita e defende a bandeira de seu partido, mas não deixa de acceitar como necessarias e irrepudiaveis as leis sagradas da verdadeira Democracia.

Si outros attributos honrosos não lhe acompanhassem o nome, só esse nobre interesse, que o digno candidato sempre manifesta, pela causa popular, constituiria uma recommendação mais valiosa, hoje que o povo é o menos lembrado e o menos protegido pelos poderes do Estado.

O candidato democrata deve ser nestes tempos o escolhido pelos eleitores independentes.

O dr. Aureliano Martins de Carvalho Mourão — podemos affirmar, porque somos insuspeitos — esta nesse caso.

Além disso, a sympathia que nos merece o nome desse collega respeitavel, que temos visto sempre trabalhar desinteressadamente na imprensa local com extrema dedicação pelos progressos do municipio, lutando com imparcialidade pelo engrandecimento de sua terra e pela prosperidade de seus concidadãos, nos obriga a desejar-lhe a mais brilhante victoria no pleito eleitoral do dia 15 do corrente.

Do feliz exito de sua eleição não é licito duvidar, pois a acceitação que tem encontrado a sua candidatura em todos os collegios prenuncia-lhe o mais completo triumpho.

J. R.

Flor funesta

(No album da generosa amiga d. [illegible] Maia.)

Como uma rosa abrindo-se encantada
do sol aos longos osculos ardentes,
—abrio me n'alma as petalas ridentes,
pura, a flor d'esperança, aurea e sagrada.

Depois...ás sombras de um fatal martyrio
vi-a morrer, a triste! emquanto perto,
orvalhado de lagrimas um lyrio
nascia entre os espinhos de um dezerto;

Era a Descrença, a flor mirrada, escura,
surgindo onde se abrira a sepultura
dos meus sonhos de gloria e de porvir.

E emquanto o falso riso e o descuidado
prazer—eu vivo em magoas a fingir,
—alli meu coração chora o passado...

Josué RODRIGUES.

«O Provinciano»

Suspendeu a sua publicação e so criterioso e bem redigido jornal, que se publicava na Parahyba do Sul.

Era um bom combatente, leal e convicto, que muito concorreu e muito podia concorrer ainda para o progresso intellectual d'aquella cidade. Alli apreciamos sempre as manifestações exuberantes do talento e gosto litterario do nosso bom amigo e illustre collaborador Soares de Souza Junior, bellissimos escriptos do dr. Dias da Rocha, lindos versos do delicado poeta

Dias da Rocha Filho e bons artigos de outros escriptores.

Deixa-nos bem pezarosos o desapparecimento do *Provinciano*.

Desejariamos que não fosse senão por algum tempo... e temos até uma certa esperança de vel-o outra vez na liça, valoroso e forte como outr'ora.

S. José d'El-Rei

CARTA AO AMIGO JOSE' BRAGA

II

MEU caro. — Num dia eu visitei os mais importantes estabelecimentos desta cidade.

A igreja matriz está collocada no alto de um morro não pouco elevado. Na entrada tem uma escadaria de pedra e no adro, em cima, uma grade tambem de pedra; tudo isso negro, antigo, estragado, porque aqui todas as construcções trazem lembranças de um passado, que já vai bem longe...

O frontespicio é magestoso, si bem que dessa magestade triste da velhice, enrugada, sombria, que inspira respeito e condolencia.

Numa das grandes torres o relogio marca lentamente as horas, em badaladas surdas, cançadas, tresloucando um pouco, pelos annos decadentes. As janellinhas ogivaes do campanario espiam para os horisontes longinquos, procurando, talvez, os pontos de vista que contemplavam noutro seculo, admiradas de verem as campinas cortadas pelos *rails* e o echo repercutindo o silvo petulante e hostil da locomotiva...

Entra-se no templo, a alma sente-se impressionada ante aquella silenciosidade emocional do amplo recinto sagrado, a meio na penumbra.

E' uma riquissima igreja, esta. Ha dous altares de cada lado, dous na frente, antes do altar mór e este, onde se ostenta um throno, que é um primor de arte esculptural.

Os seis altares anteriores não ficam aquem na opulencia do lavor artistico. O coro é um trabalho digno de admiração. Está suspenso em arcos feitos com um singular capricho; a grade, de madeira, está perfeitamente de accordo com os outros encantos da importante igreja; de um lado vê-se o orgam magnifico e harmonioso, onde se apreciam, respeitadas, todas as exigencias da Arte; tudo isto resente-se de um gosto antigo que, entretanto, em nada prejudica, attendendo-se á epocha em que foi construido o magestoso templo. A abobada tem pinturas allusivas a diversas passagens da historia sacra, feitas por mão de mestre.

O altar mór apresenta cimalhas valiosas, admiraveis relevos, gravuras inestimaveis, e ahi não se sabe bem o que mais apreciar, se a riqueza do trabalho, si a delicadeza das mãos que o realizaram. Tudo é rico e bem feito. Si o gosto não é moderno, nem assim ha dezar para o merecimento das obras de talha, de douração, de pintura, etc. E' uma igreja como tenho visto poucas.

Ao sahir, reparando mais detidamente nos largos altares doirados, pareceu-me que as imagens, envoltas em seus vetustos mantos purpureos, ou nos seu bureis de maca, lançam dos olhos sem cilios e cobertos de poeira, olhares frios e desconsolados sobre os fieis, que os vão visitar. Que magoa sentida e intima exprimem essas effigies respeitaveis de tantos heroes da Igreja! Quando eram *novos* tudo era differente: a Religião era mais respeitada, mais desinteressados os ministros do Senhor, e maior a affluencia de devotos, mas de devotos sinceros, fervorosos, que alli iam, num ardor sagrado de profunda convicção, elevar as preces de sua alma [illegible] Deus de Misericordia.

E o que elles vêem hoje, coitados?

Por isso foi que os achei a todos numa attitude de desanimo e de amargo desalento...

Indo á sachristia vi o meu querido S. Jorge, só elle firme, erecto, com o seu ar marcial, os olhos negros muito regalados, o bigode preto cofiado, e a lança em riste... Um S. Jorge bonito, *á la moderne*, faceiro, *pchutt*!...

Sahindo da Matriz encaminhei-me para a casa da camara, que fica situada na mesma ladeira. E' tambem uma velharia, mas que sempre mostra uma apparencia menos desagradavel.

Para entrar-se ahi sobe-se por uma escada de pedra, de poucos degráos, que vai dar a uma especie de varanda, circumdada por uma grade e acima desta uns arcos de madeira, que emprestam ao edificio uma certa graça, porem tudo velho e carcomido pelo tempo. S. José d'El-Rei é uma imagem viva do passado.

O interior da casa da camara causou-me uma desagradavel impressão. A sala das sessões do jury, que está logo na entrada, é de uma singeleza... excessiva.

A meza cheia de modestia e de poeira, algumas cadeiras não muito novas... e, na parede, em frente, pintada a Justiça, com uns olhos abertos muito vivos, porque o pintor não quiz saber da venda tradicional, não me disseram ainda porque...

A sala da camara sempre é forrada de papel e tratada com um pouco mais de cuidado. Além dessas duas salas ha outros compartimentos, uns quartos pequenos, mal arejados, onde nenhum objecto ha que mereça especial menção.

Do templo de Themis fui ao de Thalma.

E' este um theatrosito para meninos, pequenito, com uma ordem de varanda e uma platéa para 60 ou 70 pessoas, se tanto. O que te affirmo é que esse edificiosinho foi construido antes da Inconfidencia.

Ha alli o tamanho relativo á população desta velha cidade naquelle tempo, e o gosto, o material, tudo o que recorda aquellas eras longinquas.

— O que de mais notavel encontrei aqui, pelo valor historico, foi a casa onde morou o Tira-Dentes. Este edificio tem a disposição fóra do commum. E' grande. A entrada é por um portão, que dá para um pequeno terraço. Tem seis janellas de frente e, no lado esquerdo, á guiza de cocuruto, mostra um sotãosinho de duas janellas.

Quem entra vê á esquerda a sala onde funcciona a primeira cadeira publica do sexo masculino: vai-se depois encontrando outras saletas e quartos; a direita, outros quartos e um terreirosinho onde existe portão que dá para outra rua. Tudo isso conserva ainda as pinturas bizarras, os vestigios caracteristicos da epocha bastante remota em que se ergueu o monumento que hoje recorda o nome abençoado do grandioso martyr da liberdade.

Subi ao tal sobradinho de que te falei acima e onde, segundo consta, se reuniam os inconfidentes, para tomarem suas deliberações. Das janellas desse pequeno sotão, o olhar se expande num horisonte vasto, que se estende ao longe, até a serra. D'ahi se vê grande parte da cidade, numa perspectiva muito agradavel.

Espraiando os olhos e o pensamento por esses lugares todos, em que o sol batia de chapa, pondo reverbéros na vegetação garbosa e illuminando toda a tristeza e toda a quietação da cidade dezerta, — lembrava-me daquelles heroes au

dades, daquelles sinceros patriotas, adoradores convictos da liberdade, que por ella se sacrificaram na ambição sublime e ardente de salvarem a terra de seu berço das cadeias aviltantes, que ainda hoje lhe arroxam os pulsos...

Da poeira d'esses Graccos ainda não surgio, desgraçadamente, um Mario vingador. O cancro fatal continúa a roer as entranhas da patria. Hoje o Interesse e a Cobardia oppoem-se ao evento desses exemplos edificantes de denodo patriotico. O Poder Pessoal sabe armar as suas têas e vive a estragar os que lhe podem causar algum prejuiso,—acenando-lhes com a farda ministerial e com o Thesouro, sem importar-se com o que a nação possa perder com isto.

Os que se não deixam comprar são poucos e tão poucos que não podem ainda reagir vantajosamente contra a força bruta, que encontram pela frente. O mais que fazem é a sua propagandasinha modesta, prudente, escrevendo nos seus jornaes de pequena circulação, sustentando seus principios com muita convicção, é verdade, porém com pouco enthusiasmo. Esperam resignados, não tentam a reacção. Não ha mais Tira-Dentes... O tempo dos *Illuminados* já passou. E voltará um dia? E' possivel.

Esperemos as decisões do futuro.

— Além do que te apontei acima, nada mais vi aqui de importante.

A cadeia é terrea e mui sufficiente para a cidade; offerece bastante segurança e está bem dividida.

Depois da Matriz não vale a pena descrever-te, mesmo a vôo de passaro, como tenho feito, as outras igrejas, que são pequenas e todas de construcção e enfeites antigos. A de S. João Evangelista é a maior dentre estas, creio eu, e a do Rosario a mais bonita no capricho da decoração.

O que ha aqui de bom, de verdadeiramente bom é a gente.

Não me refiro á collectividade dos moradores da terra, mas alludo á uma parte do povo, em que tenho apreciado os mais generosos sentimentos.

Expontaneidade na dedicação desinteressada, sympathica disposição de ser util aos que chegam, todas essas demonstrações de hospitalidade que animam e penhoram aos estranhos, hei encontrado entre as pessoas com quem tenho privado.

Mesmo entre os pobres, entre os obscuros, vejo corações bondosos, gente servical e amavel.

Sobre o funccionalismo publico da terra pouco te poderei dizer, por isso que não tive occasião de o conhecer todo.

O delegado de policia, João José Velloso, é um cavalheiro intelligente e distincto a quem o povo considera e respeita, como tive occasião de verificar. O collector geral, Francisco S. das Chagas, é um honrado ancião, respeitavel por muitos titulos e cuja familia— affirmo-te sem rebuço e sem receio de ser desmentido — é a providencia dos que aqui vêm buscar allivio aos seus males; tenho disso provas eloquentes e praz-me declaral-o aqui, como significação de reconhecimento a quem devo tanto.

O primeiro tabellião interino, Francisco F. da Fonseca, é um bom moço, criterioso e digno.

Os outros não conheci. Não desceram de seus pedestaes até onde costuma viver a democracia obscura, embora honesta. Não os conheci de perto, mas pelo que apreciei de alguns delles cá pela visinhança, tenho-os na conta de uns egoistas e uns exquesitões. Deus os ajude.

Até lá. Um amplexo fraternal do teu *d jamais*

R.

N'um leque

Tens em teu leque um quadro primoroso:
Uma hespanhola apaixonada, ardente
Crava a sorrir a lamina pungente
De um punhal de Toledo precioso

No peito de um mancebo que amoroso
De joelhos a seus pés ouvia crente
As juras de um amor que eternamente
Havia de tornal-o venturoso.

Segundo me contaram, tua vida
Nesse teu leque está reproduzida
Com uma semelhança bem fiel:

Captivas corações mas ha momentos
Em que bem dolorosos soffrimentos
Inflige-lhes sorrindo, atroz, cruel!

José BRAGA.

A sombra

(Conclusão)

Um dia nós tinhamos sahido todos tres de carro, um *break* descoberto, e eu mesmo devia conduzir minha mulher ao meu lado e o barão acommodado atraz, sobre um dos assentos lateraes.

O fim do nosso passeio era ir á casa do meu tabellião, com quem eu tinha um negocio urgente a decidir.

Chegando á casa d'elle, encontrámol-o a porta, prestes a sahir, e, cousa estranha em um homem polido como elle, não tornou a entrar para receber-me.

— Afflicto, disse; chamam-me a Fontanieu para um testamento, parece que ha urgencia.

— Pois bem, subi comnosco. Fontanieu está no nosso caminho; eu lá vos levarei; irei mais depressa do que a pé e de caminho poderemos conversar; tambem ha urgencia para o meu negocio.

Minha mulher saltou ligeiramente na calçada e subio a sentar-se ao lado do barão, pois era preciso que, apezar de suas delicadas escusas, o tabellião tomasse logar junto a mim, no assento de deante. Partimos, e, conversando sobre o negocio, alcançámos Fontanieu, onde deixei o tabellião na encruzilhada de um caminho que ia dar á casa do seu cliente. Minha mulher quiz descer para voltar a meu lado, mas eu impedi que ella o fizesse, pois que no fim do verão a gente afunda-se na poeira branca das nossas estradas de Provença, ate o tornozello e justamente no logar em que nós estavamos parados, essa poeira havia-se accumulado numa camada espessa.

Ella insistio, eu não cedi.

— Não é verdadeiramente um sacrificio; em meia hora estaremos no castello.

E toquei os cavallos.

De Fontanieu a Mas d'Andol o caminho corre em *lacets* no flanco duma collina escarpada e nua, na qual talharam-n'o á vivo De um lado, á esquerda, uma muralha despida; de outro, á direita, declividades abruptas, cobertas de rochas esboroadas, e ao fundo, a cem ou cento e cincoenta metros, o fundo de um barranco.

Depois de ter subido cerca de um kilometro, deviamos descer uma encosta longa e ingreme; era para mim o instante de estar attento, pois os meus cavallos eram novos, impetuosos, emparelhados ha pouco tempo, e era mister ter mão nelles.

Cessei, pois, de conversar com o barão, para que na ladeira eu ficasse voltado, e não me occupei senão com os meus cavallos.

Para que possais comprehender o que vai seguir, devo explicar que tinhamos a nossa direita o sol, que declinava, de modo que, para não ficarem cegos, minha mulher e o barão estavam sentados no mesmo banco estofado, virando as costas á sua luz intensa. De repente, defronte da parede da collina talhada á vivo na rocha esbranquiçada, eu vi duas sombras negras approximadas, uma da outra, como num beijo...

Foi um deslumbramento; porque a parede se interrompendo bruscamente, por um accidente do terreno, não me deixou ver mais nada.

Mas, quasi immediatamente a parede recomeçou; tornei a ver as duas sombras tão claramente desenhadas como se o fossem num espelho: uma, a de minha mulher, outra, a do barão; este inclinado para minha mulher, que parecia recuar, abraçava-a no pescoço.

Era possivel? Era uma allucinação! Mas, a realidade alli estava visivel, esmagadora, sobre essa rocha, me perseguindo...

Eu tinha visto, eu via.

Ella!

Sem mesmo me voltar, dei com força em meus cavallos chicotadas furiosas e os levantando, fil-os transpor o parapeito...

Quando voltei a mim, estava estendido no declive da collina, embaraçado em uma grande moita de espinhos.

Uma voz fraca, um chamado percurtio acima de mim; difficilmente voltei me desse lado.

— Renato!

Era ella que se sustinha em uma das mãos na anfractuosidade de um penhasco.

Ergui-me um pouco.

— Eu vi, eu vi beijal-o.

— Meu Deus! murmurou ella.

E abrindo a mão passou perto de mim, resvalando na ladeira ingreme...

O olhar que ella me lançou tinha uma expressão de suprema ternura.

Trabalhadores, cabouqueiros, attrahidos pelo ruido dessa queda formidavel, vieram ao meu soccorro.

Eu tinha uma perna quebrada e deslocada uma espadua; não podia fazer um movimento.

Porem podia falar, interrogar. Ella estava morta, contundida, no barranco. Elle tambem estava morto. Os medicos me salvaram.

Cinco mezes depois desta jornada, eu pude acompanhar as autoridades, que procediam a um inventario indispensavel, porque eu tinha determinado casar-me sob o regimen da communidade. Num movel do quarto de minha mulher encontrou-se um maço de cartas, que o escrivão me entregou; — eram do barão. Meu primeiro movimento foi de atiral-as ao fogo; entretanto não as queimei.

A desgraçada tinha sido seduzida pelo barão, que a não querendo, por ser ella pobre, fizera-me esposal-a, esperando guardal-a como amante. Ella não havia cedido, apesar das ameaças com que o barão a perseguira, e o beijo, que eu tinha visto, elle roubara-o, ella não lh'o tinha dado.

(Trad. para *O Domingo*)

G.

Musas risonhas

Madrigaes á moderna

Si como o pensamento eu pudesse correr
O mundo, agora mesmo, a gigantescos passos,
— Ver-me-ias voltar — como si outr'ora mulher
Nunca tivesse visto — e cahir nos teus braços.

Depois de olhar o sol, vê-se tudo amarello
E gostar do amarello é prova de máu gosto;
Sabes que eu passo ahi por amador do bello?
E' porque deixo o sol, para — fitar... teu rosto!

Para que teu olhar, de vibrações tão doces,
Cravado em ti mesma um dia tu sentisses,
Eu pediria a Deus, si elle ouvisse tolices,
Que eu fosse o que tu ês e o que sou tu fosses...

SILVA TAVARES

Na fresca Ribeira

(Ao meu prezado amigo Eduardo Coelho)

Á CALMA rechinava nas searas sob vibrações escaldantes do sol. Raras oliveiras e sobreiros calcinados pelo calor mal buliam com as folhas enfarinhadas de pó. Nos trigaes loiros em volta dos pés das oliveiras negrejavam manchas negras, pintadas pela folhagem. A natureza inteira parecia dormitar num morno lethargo, como acalentada pela cegarrega insistente dos ralos.

Ao cabo de uma hora de caminho á sombra concava do toldo de um carro tirado a mulas, sobre as quaes fervia um mosquedo importuno, achavamo-nos os dous — passageiro e conductor — numa venda tosca e pobre, de telha vã. Diante da venda estendia-se um arneiro, em cujo extremo serpeava uma ribeira marginada de faias, de amieiros e de feixos.

A ribeira corria dentro da herdade de um nosso amigo, o qual, prezando-se de apreciador das lindezas naturaes, nos encarecera os encantos e frescuidão daquelle sitio, á sombra do arvoredo, na espessura dos balsedos, apertando comnosco para que deliberassemos a ir alli passar duas horas da sesta, se nos queriamos embriagar de paz e de solidão.

Tomamos uma limonada servida na tenda pelas mãos encardidas de uma velha myope, que, para nos escancear a beberagem refrigerante, largou a sua tarefa interminavel de ensarilhar maçarocas, eis-nos a caminho da ribeira. Chegados lá, saltámos para dentro de uma bateira ou *chata*, como lá lhe chamam, em que o nosso amigo e dono da herdade gosta de embarcar, já amarrando o batel ao tronco de uma faia, já enredando-o no travado das juncas, fazendo agora encalhar o barco para de novo o pôr a nado, ora deitando-se a ler umas paginas saborosas, ora em pé no barquinho á espera quer das perdizes ou das pombas bravas, conforme as sasões proprias, pois que de todo o genero da caça — do chão, e do ar — aquella comarca abunda.

II

Era delicioso, em verdade, sentir-se a gente vogar por aquella grande tina de agua remansada, lisa, sem a minima ruga a encrespal-a.

Por entre a ramaria das altas arvores, através das quaes azulejava uma ou outra clareira de céo, o sol ora empoava de oiro as folhas dos loureiros, ora despedia uma frecha luminosa, que projectava no crystal liquido da ribeira uma estria reluzente. As hasteas compridas e recurvas das madresilvas em flor, aqui, emmaranhavam-se — na margem — em tufos intonsos e caprichosos, alem bracejavam, prendendo-se com outras plantas silvestres em grossas grinaldas, em que se entresachavam malmequeres brancos e amarellos, lirios do

campo azues, e papoulas vermelhas como nodoas de sangue.

De quando em quando o batel roçava num fundo vegetal de algas ou nymphêas, cujas largas folhas se desfendiam, boiando á flor d'agua, semeando de ilhotas oscillantes a lagôa.

Safavamos então do barco, á vara, daquelle parcel de plantas aquaticas, e punhamos a prôa á uma angrasinha meio encoberta pelas exuberancias da vegetação a boiar na lympha, que a reflectia como um espelho,

O sol, joeirado pela trama apertada da ramaria, quebrava naquelle toldo aereo, que os intersticios ralos da folhagem teciam de uma meia luz esmeraldina.

Um pardal a saltitar de ramo em ramo, uma boga a serpejar em espiraes pela corrente, o mais leve ruido emfim presentiam-n'o logo nossos ouvidos apurados pelo profundo silencio.

III

Naquelle lago sereno, ensombrado pelas frondes do arvoredo e perfumado pelo aroma da madresilva, sabia bem, confessem, accender um charuto, e tirar da algibeira o velho Horacio sempre juvenil, um poeta, um amigo, um companheiro incomparavel.

Queimámos a nossa folha de nicociana, e abrimos o livro do Venusino, na ode IV do livro I dedicada a Sextio, cujo primeiro verso principia:

Solvitur acris hiems

ou «vai-se o aspero inverno» (traduzido o verso em prosa ruim):

«Saudemos, meus amigos, a nova estação, que as cabeças anneladas trazem corôas de verde myrto e flores desabrochadas de fresco. Celebremos o Fauno e a sua festa nestes bosques densos.

Fomos lendo o poeta até a ode IX, repassada de fervido epicurismo, onde Horacio desterra da sua alma as cogitações graves que encurtam a vida e manda aos servos infantis que lhe refresquem na agua corrente uma vasilha do velho Falerno, para libar o precioso licor á sombra de um platano corpulento, em companhia de Lydia, —a condescendente—a quem pede que traga comsigo a sua lyra de marfim.

Neste ponto da leitura cantava um gallo na venda; e logo depois, da banda em que se engrenhava mais intrincado o balsedo, chegava-nos aos ouvidos o som duns chocalhos de rebanhos, que mostravam vaguear por alli perto algum gado.

Entrou comnosco a curiosidade, e sahimos do batel, adiantando-nos para o lado donde se ouvia o tilintar.

A quarenta passos, quando muito, da ribeira descia por um corrego um fato de cabras, que ora tosavam o fraco pastio que encontravam, ora se penduravam dos arbustos roendo-lhes as folhinhas.

Atraz do gado caminhava o pastor com guarda-mattos de pelles de carneiros, afivellados na cintura, manta riscada de lã a tiracollo, cabaça e polvorinho pendentes, chapéo desabado e espingarda de pederneira ao hombro.

O pastor era um desempenado moço, imberbe, de rosto aberto, olhos rasgados, aspecto fragueiro, cheirando a matto—o cheiro de coelho bravo.

Ao lado do pastor caminhava uma rapariga insinuante, de saia curta de baetilha vermelha, roupinhas verdes e meias azues.

A camponia, que andaria pelos dezoito annos, tinha a pelle extremamente clara, os cabellos aloirados e os olhos de um castanho escuro, que surprehendiam pelo extranho contraste da expressão sensual com a alvura da tez e o ossianico dos cabellos em desalinho com ondulações doiradas como as dos trigos, promettendo conjunctamente idyllios ingenuos e dramas voluptuosos.

Chegados á extremidade do corrego sentaram-se os dois num penedo, e alternando palavras com meiguices, embebidos reciprocamente os olhares pezados de fluidos amorosos, —acabaram por se collarem num beijo as boccas dos rusticos namorados, como unidas por um adhesivo.

Nós, meio emboscados nos recessos escuros das balsas da ribeira, julgámo-nos transportados em sonho ao jardim de Martha.

Aos aromas acres da charneca impregnados de rosmaninho mesclou-se então alli o perfume perturbante da natureza e do amor, — um e outro inundados de seiva, referveudo impetuosos.

Visconde de BENALCANFOR.

Sobre a meza

Monitor Sul-Mineiro, n. 780. Completou o seu XIV anno de existencia. Saudamol-o, desejando a continuação de sua prosperidade.

Gazeta Mineira. Com o seu numero 132 terminou o sympathico e amavel collega o seu segundo anno de vida. Apresentamos-lhe as nossas cordiaes felicitações.

O Parahyba (Guaratinguetá) n. 1122. A nosso respeito escreve em sua apreciavel folha o mimoso poeta Raphael Bueno:

«— Depois de uma interrupção de mais de um mez, veio-nos, por acaso, ás mãos o galante e delicado *Domingo*, folha litteraria que se publica em S. João d'El-Rei.

De dia para dia, torna-se mais interessante este nosso distincto collega, que, incontestavelmente, é uma joia do nosso jornalismo.

O n. 14, que temos á vista, além de um bem lançado artigo do nosso velho amigo e querido camarada, Jorge Rodrigues, traz um bellissimo conto de Valentim Magalhães, um soneto de Filinto de Almeida, outro do Jorge, e mais uma infinidade de bellezas...

O diabo é que o *Domingo* só nos apparece de anno em anno, o ingrato...»

Pois garantimos ao collega que *O Domingo* lhe é remettido com a maior regularidade. De S. Paulo tem-nos vindo ainda outras muitos reclamações, sem que nós façamos por merecel-as. Não sabemos que deliberação havemos de tomar no sentido de evitar as continuadas *espertezas* do sr. correio. Gasta-se dinheiro em sello... para os srs. agentes fazerem collecção de jornaes—gratuitamente? E ainda ha-de se soffrer calado, porque as autoridades superiores do serviço postal não prestam a menor attenção as reiteradas reclamações da imprensa,—a principal victima...

O *Jornal do Commercio* não deixa nunca de chegar ás mãos de seus assignantes... O nosso rico dinheirinho será peior que o do *Pachiderme?* O lucro que damos ao correio é menor, mas esse pouco é ganho a custa de um trabalho honesto e constante; é uma indignidade zelarem só pelo interesse dos *graúdos*, explorando os outros, que tambem pagam...

Reclame o collega do *Parahyba* do correio da corte ou de Guaratinguetá os numeros da nossa folha, que não lhe chegaram as mãos. Da nossa parte não tem havido a menor falta, nem da agencia desta cidade, em cujo chefe muito confiamos.

No noticiario, o illustrado collega «faz sinceros votos pelo prompto restabelecimento» do nosso companheiro Jorge Rodrigues.

Agradecemos cordialmente.

Morte ao tempo

Por falta de espaço não damos hoje aos nossos leitores as *mortices* do costume.

As do numero passado foram decifradas por *Uma leitora ausente* que nos enviou as decifrações em versos de que, tambem por falta de espaço, somos obrigado a privar os nossos numerosos apreciadores.

Foram as seguintes:

LOGOGRIPHO

Generosa

—

CHARADAS

Telegraphicas

Potó, Loto.

—

Triangulo

Canaria
Arabia
Naira
Abra
Ria
Ia
A

—

Novissimas

Viola, Balea, Joaquina, Talagarça

—

Em Zig-Zag

Pa
co — bei
lo — ra
do

—

Fuga de consoantes

A preguiça é chave da pobreza.

Tong-KONG-SING

Annuncios